



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/ruínas-do-antropoceno-aguas/>

Ruínas do Antropoceno e a escrita com as águas

Maria dos Remédios de Brito [1]

Dhemersson Warly Santos Costa [2]

Carlos Augusto Silva e Silva [3]

RESUMO: Diante das ruínas do Antropoceno, é urgente instituir práticas capazes de engendrar um futuro distinto do colapso iminente, por meio de exercícios de atenção, de escuta, de apropriação sensorial, de viver junto, em um máximo de alteridade, entre humanos e *outro-que-humanos*, criando modos de interação menos hierárquicos e homogeneizantes, capazes de fomentar o pensamento para além do gesto de exploração. Como escrever com as águas da Amazônia diante da ruína do Antropoceno? Seria possível dizer que a água escreve? Ou, ainda, podemos escrever com as águas? Nesse sentido, se instaura gesto de atenção, de percepção pelo desejo de escrever a partir da presença das águas da Amazônia. Ao mesmo tempo, somos convocados a exercitar o corpo instrumentalizado a ser provocado por outras formas de ver o mundo. A escrita vem na forma de notas, pequenos registros em aberto, inter cruzados por blocos de leituras, por entre autores, tais como: Anna Tsing, David Lapoujade, Gilles Deleuze e Félix Guattari, João de Jesus Paes Loureiro, Dalcídio Jurandir, Donna Haraway, Emanulle Coccia, entre outros autores que enfrentam a reflexão sobre a catástrofe, embora passem entre os fluxos do pensamento e da escrita mais do que referências. O ensaio nos conduz a pensar fortemente que não se pode só ficar espantado ou muito menos paralisado diante do cenário indesejado, mas que se construa logo outros modos de viver neste planeta, antes do fim do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita com as Águas. Amazônia. Antropoceno.



Ruins of the Anthropocene and writing with water

ABSTRACT: In the face of the ruins of the Anthropocene, it is urgent to establish practices capable of creating a future distinct from the imminent collapse, through exercises of attention, listening, sensory appropriation, living together, in a maximum of alterity, between humans and other-than-humans, creating less hierarchical and homogenizing modes of interaction, capable of fostering thought beyond the gesture of exploitation. How can we write with the waters of the Amazon in the face of the ruins of the Anthropocene? Would it be possible to say that water writes? Or, even, can we write with water? In this sense, a gesture of attention and perception is established through the desire to write from the presence of the waters of the Amazon. At the same time, we are called to exercise the instrumentalized body to be provoked by other ways of seeing the world. The writing comes in the form of notes, small open records, intersected by blocks of readings, by authors such as: Anna Tsing, David Lapoujade, Gilles Deleuze and Félix Guattari, João de Jesus Paes Loureiro, Dalcídio Jurandir, Donna Haraway, Emanuelle Coccia, among other authors who face reflection on the catastrophe, although they pass between the flows of thought and writing more than references. The essay leads us to think strongly that we cannot just be astonished or much less paralyzed in the face of the undesirable scenario, but that we must immediately build other ways of living on this planet, before the end of the world.

KEYWORDS: Writing with the Waters. Amazon. Anthropocene.

Inundar

O mundo contemporâneo se depara com uma série de desafios interconectados, que abrangem esferas sociais, climáticas, políticas, culturais e éticas. Diante desse cenário complexo, pensadores, cientistas e artistas têm se dedicado a analisar as condições do planeta, cunhando o termo "Antropoceno" [4] para descrever a época em que a ação humana, embora não de forma homogênea, transformou profundamente os sistemas geológicos e ecológicos da Terra (Costa, 2019).



O Sexto Relatório do IPCC (2022) adverte para a urgência de reduzir as emissões de gases de efeito estufa nos próximos três anos, a fim de limitar o aquecimento global a 1,5°C. Embora medidas como a adoção de energias renováveis, a preservação de florestas e o desenvolvimento de sistemas urbanos sustentáveis sejam apontadas como soluções viáveis, mas não suficientes, é fundamental que a ciência se alie à política, e ambas estejam atentas à Terra, para fomentar a justiça climática, reconhecendo que os impactos do colapso ambiental estão sendo distribuídos de forma desigual, afetando com maior intensidade os grupos mais vulneráveis, sobretudo na Amazônia.

A expressão “comendo o mundo pelas beiradas”, da música “Sonho” por Nação Zumbi, inspira a pensar sobre a voracidade com que as florestas amazônicas têm sido consumidas, ao passo que os sinais de alerta sobre as consequências se tornam cada vez mais nítidos. Como resposta a esse tempo de catástrofes (Stengers, 2015), intelectuais (Danowski; Viveiros de Castro, 2014; Tsing, 2015; Haraway, 2016; Brum, 2021) nos convidam a narrar histórias de mundos diversos, atentando para a multiplicidade de agentes - humanos e *outro-que-humanos* [5] - que coexistem nas “ruínas” legadas pelas sociedades capitalistas.

Há diferentes modos de pertencer à vida (humanas ou *outras-que-humanas*) nas ruínas. De acordo com o antropólogo Vitor Chiodi (2024), cada ser, em seu mundo, tem algo a nos dizer e ensinar sobre sua vivência em um mundo emaranhado. E, cada uma das múltiplas formas de existência partilha uma rede de interações e significados que transbordam a barreira da espécie, da unidade, fazendo-nos pensar na construção de mundos imanentes. As plantas com suas trocas químicas, as florestas com suas próprias redes neurais que se conectam e se comunicam (Coccia, 2018), os animais com seus modos particulares de habitar a Terra, os microrganismos com suas relações simbióticas, os fungos que fecundam a vida (Haraway, 2022), as rochas que contam, por meio das suas marcações de carbono, a história natural do planeta, anunciam um mundo em ruínas (Silva, 2023).

Todas essas formas de vida comunicam algo e nos fazem pensar que a teia da vida passa por um estágio de cocriação. Como nos diz Tsing (2015, p. 185), as espécies, incluindo os humanos, “vivem em complexas relações de dependência e interdependência. Prestar atenção a essa diversidade pode ser o início da apreciação de um modo interespecífico de ser das espécies”. Porém, toda essa



forma de linguagem sempre passou despercebida por nossos sentidos vitais, sempre esteve “oculta”, como sublinha Tsing (2015), pois “o fato de não prestarmos atenção a essas inteligências coletivas demonstra nosso antropocentrismo” (Perez, 2020, p. 1). O Antropoceno é um conceito que nos incita problematizar o humano como agente geológico [6], e combater, segundo Dias (2023), os ideais de autonomia, excepcionalismo e universalidade do humano, que não para de produzir uma separação entre natureza e cultura, distancia humanos e *outro-que-humanos*, eles e nós.

Não se questiona, na ecologia e nos estudos de biodiversidade, que em um ecossistema os elementos bióticos e abióticos estão conectados entre si por relações intraespecíficas e interespecíficas. Tal interdependência abarca as pessoas, todavia, tanto o excepcionalismo quanto a ideia de superioridade do homem, são justificados a partir de atributos reduzidos às sociedades humanas como linguagem, cultura, cognição ou razão; assim, é relevante, nestes tempos, que se produzam “questões relacionadas ao controle, ao impacto humano e à natureza, ao invés de instigar questões sobre a interdependência das espécies” (Tsing, 2015, p. 184).

Acontece, porém, que os humanos não estão desapartados do mundo natural, a vida, diz Ingold (2015), não se reduz aos “limites absolutos de formas fixas” e dicotômicas, na divisão de um mundo natural em detrimento de um mundo social, ela se dá em um emaranhado de processos vitais, no entrecruzamento de linhas rizomáticas, como propõe Deleuze e Guattari (2011) e, como diz Ingold (2015, p.120-121): “É dentro desse emaranhado de trilhas entrelaçadas, continuamente se emaranhando aqui e se desemaranhando ali, que os seres crescem ou emanam ao longo das linhas das suas relações. Este entrelaçamento é a textura do mundo”. Ainda que cada corpo, cada forma de expressão de vida seja em si um mundo, todos eles estão ligados entre si, em conexões parciais e heterogêneas, partilhando uma teia viva da vida.

Diante das ruínas do Antropoceno, é urgente que se instaurem práticas que possam maquinar um futuro diferente do colapso presumível a partir de exercícios de atenção, de escuta, de apropriação sensorial, de viver junto, em um máximo de alteridade, entre humanos e *outro-que-humanos*, criando modos de interação menos hierárquicos e homogeneizantes capazes de fomentar o pensamento para além do antropocentrismo.



Nesse sentido, o presente ensaio – como gesto de atenção, escuta e percepção dos *outro-que-humanos* – é movido pelo desejo de fabular uma escrita com as águas. Seria possível dizer que a água escreve? Ou, ainda, podemos escrever com as águas? Escrever em companhia das águas que passam pela Amazônia, especialmente, pode instaurar que tipo de pensar e escrever? Essas notas são inspiradas pelos rios, por moradores da Amazônia, mas também por Paes Loureiro (2007), Deleuze e Guattari (2011), Anna Tsing (2022) e David Lapoujade (2017), Dalcídio Jurandir (2019), Donna Haraway (2022;2016), entre outros autores que enfrentam a reflexão sobre a catástrofe, embora esses autores passem mais entre os fluxos do pensamento e da escrita do que suas referências.

Transbordar

É possível conceber que a água que hoje lubrifica as cartilagens dos dedos que utilizamos para escrever este texto pode ser a mesma usada por uma preguiça-gigante há 12 000 anos atrás. Parece que há um retorno dela, não a mesma água, sobretudo, uma água diferente nas suas relações. Esse líquido tão corriqueiro no planeta, que bem poderia se chamar Planeta Água, mas que de banal tem pouco, carrega em cada uma de suas moléculas blocos de memória do mundo, uma escrita que viaja por corpos-oceanos, corpos-geleiras, corpos-vegetais; carrega, consigo, uma escrita que nos dá a pensar e construir. Essa dança, que não se resume a uma ciranda circular, é muito mais complexa e carrega histórias de um passado distante, de um presente possível e desejo de um futuro mais úmido.

Tales de Mileto (c. 624-546 a.C.), já na Antiguidade, defendia a ideia de que o princípio gerador era água. O pensador, que precedeu Sócrates, acreditava que a água era o princípio de tudo; o que antes não era consenso, hoje já o é, sobretudo entre os cientistas que afirmam a água como um elemento indispensável para a vida na Terra, atuando em processos essenciais que garantem a manutenção dos ecossistemas e da biodiversidade.

Mas a água afeta corpos muito antes de existirem oceanos ou igarapés na Terra. A água não é daqui ou mesmo veio de lá, é simplesmente de outro lugar que não sabemos qual é. Possivelmente, ela chegou até aqui a partir de asteroides que percorriam o espaço; cientistas sugerem que a água existente na Terra pode ter vindo de asteroides e cometas que, ao colidirem



com o planeta durante sua formação, transportaram compostos voláteis fundamentais (Steiner, 2019). Nessa esteira, pedras carregavam consigo a água – a *árche* que inspirou Tales de Mileto em sua abordagem monista. Cada gota que escorre pela pele neste momento já formou rios e percorreu as estrelas.

Assim, parece-me que no copo d'água ao lado esquerdo do meu olhar repousa um fragmento do cosmos, um resquício de tempos esquecidos e uma promessa do que ainda está por vir. A água, em sua forma “pura”, não é apenas um líquido inodoro (sem cheiro), incolor (sem cor) e insípido (sem sabor) — é um dos textos do mundo em estado de fluxo, uma experimentação política para pensar um presente com menor barramentos e mais fluidez.

De toda forma, pensar, escrever com as águas é entrever um invisível, é reconhecer que alguma gota sentida pode ser um convite que possa abrir caminhos nas águas que são para os que vivem na Amazônia rua, lugar de brincar, de tirar o alimento, de viajar, de se deslocar... Mundos estão entranhados pelas existências mínimas que só podem ser visíveis quando se encontram esses lugares, as pessoas, seus modos de viver, de existir, mas modos que não podem ser capturados pelo mercado, pelos exploradores da região, pois esses modos são complexos, nunca esboços plastificados e vendidos.

Escrever com as águas da Amazônia é também sentir todo o brutalismo que atravessa a região, pois os perigos evidentes ambientais que atravessam o planeta nos acompanham há décadas, as vidas que habitam essa região são machucadas e não deixam de estar em estado de adoecimento. As vidas humanas e *outras-que-humanas* estão ameaçadas e não é possível deixar de pensar na exploração e massacres pelos quais passa a região. É possível acompanhar pelos noticiários de jornais diariamente as séries de violências que atravessam os povos que vivem na Amazônia (Ramalho; Rufino, 2024), mesmo ela sendo posta como o pulmão do mundo, como um resíduo de salvação do planeta. Quem vive na região, porém, sabe que a exploração vem também dos brasileiros, das regiões ditas mais ricas do país, pois a região passa por uma colonização brutal dentro e fora do país, e o enredamento que a atravessa necessita de pesquisas profundas.

Então, os povos das águas, da floresta, sofrem um desterramento forçado, visto que seus rios estão quase mortos, advindo das construções de hidrelétricas. Em Altamira, temos o rio Xingu em estado de morte, dejetos de mercúrio, as vidas humanas e *outro-que-humanas* estão em constantes



ameaças, convocando urgências de outras formas de interação com as águas, com a terra, com o corpo da floresta.

Erguem uma hidrelétrica na curva da vida, na volta grande do Xingu, despejam ribeirinhos, indígenas, os chamados “sub-humanos”, para falar nos termos de Fausto (2020), atirando-os às margens da cidade de Altamira, transformando-os em pobres sem chão (Brum, 2021). Ceifam aqueles que se erguem em nome da floresta para defendê-la, chamando-os de insanos, inimigos da ordem e do progresso, que querem impedir a chegada da soja na região de Altamira (Brum, 2021). Mas como um grito combativo: “o rio Xingu quer passar, sua forma é o fluxo e não o barramento por Belo Monte” (Silva, 2023, p. 201).

A convocação feita por Brum (2021) ressoa como um chamado à imaginação: e se a hidrelétrica de Belo Monte ruísse? É preciso sonhar com o rio Xingu livre, com suas águas retomando seu curso entre as matas, indomável, pleno como sempre quis ser. É necessário imaginar as águas do rio Xingu alegres, devolvidas em si mesmas, grávidas de futuros, gestando em seu ventre o renascimento de uma floresta anterior ao progresso de Altamira.

Escrever com as águas amazônicas é estar atento, sentir um certo atravessamento, escutar o que elas têm a nos dizer sobre um mundo ferido que vai além da região. A partir das enchentes no Rio Grande do Sul, assim como tantos outros casos de inundações decorrentes de intensa precipitação, as águas nos contam de um mundo em ruínas, do colapso climático presumível, de como a atividade humana de exploração dos recursos naturais (por meio da queima de combustíveis fósseis, uso indiscriminado do solo, desmatamento da floresta e descarte inadequado de resíduos) tem causado eventos climáticos extremos, como ondas intensas de calor causadoras, entre outros, de inundações ou secas extremas. O cenário causado pelas enchentes nos grandes centros urbanos é uma narrativa controversa de como o Estado é falho nas políticas públicas de gestão de risco de desastres.

Os povos amazônicos, particularmente aqueles que moram às margens dos rios, no interior das florestas, souberam perceber e ler uma gramática das águas, entender os seus movimentos sazonais de transbordamento, escrevendo com elas modos singulares de viver junto, compondo para si mundos imanentes. O inverno amazônico é rigoroso, a precipitação é intensa, o nível dos rios sobe, adentra as ruas, as casas, as escolas, e com o passar dos dias retorna, mas deixa nas



paredes, no tronco das árvores, uma mensagem, comunica sua intensidade, até onde podem chegar. Os povos das águas, percebendo essa escrita visual, fazem suas casas em palafitas com alturas superiores à marcação, protegendo-se da inundação, pois ela é vista, aqui na Amazônia, como tragédia. Como fonte de vida, no entanto, as águas que transbordam as margens levam fertilidade ao solo, garantia de alimento no verão.

As águas escreveram também – a partir do rompimento da barragem de fundão, em Mariana, no ano de 2015; da empresa Samarco e da barragem do Córrego do Feijão, em Brumadinho, no ano de 2019; da empresa Vale S.A., que causaram, juntas, a morte de centenas de pessoas e a perda de biodiversidade aquática e terrestre – histórias do fim de um mundo, escrita no território e na história das comunidades atingidas. Esse é um manifesto das águas diante do descaso ambiental, da negligência com a segurança e da fragilidade de um sistema que prioriza o lucro em detrimento da vida e do meio ambiente; é uma escrita que denuncia a insuficiência das políticas de prevenção, a ausência de fiscalização rigorosa e a falta de compromisso com a vida, com a biodiversidade, com a história e com a memória dos atingidos.

As águas barradas pela privatização dos rios para grandes obras de capitalização de energia e mineração escrevem sobre o embrutecimento da vida, sobre a violação dos direitos humanos, que deixa marca como metais pesados, e a apropriação colonial das águas que ameaçam toda forma de vida. Os povos Yanomami sofrem com as águas contaminadas por mercúrio, decorrentes de garimpos ilegais. Trata-se da destruição de um território sagrado, o envenenamento de uma cosmovisão ancestral, a morte silenciosa de um povo, de seus modos de existência – e também de uma política nefasta de morte que revela a face do capitalismo, esse sistema econômico de acumulação infinita de recursos em um ecossistema de recursos finitos e de interações sensíveis (Kopenawa, 2015).

Os povos indígenas, aliás, fazem esse movimento que especulamos dizer escrever com as águas, Krenak (2020), pois, além de fonte de vida, ela também é memória, uma vez que guarda suas encantarias, seus rituais de cura e os ensinamentos ancestrais. No Xingu, por exemplo, rios são tomados como parentes. A morte de um rio é sentida como a de um familiar; isso é violar o tecido que conecta humanos e *outros-que-humanos* em uma relação de cocriação.



Debubuiar

As águas, com todas as suas multiplicidades existenciais, são fatores essenciais para a manutenção e a transformação da vida na Terra, em narrativas de criação (modelando e fertilizando o solo, equilibrando o ecossistema) e destruição (enchentes, secas, desmoronamento, tsunamis) que se entrelaçam. Propomos, então, escrever com as águas a partir de um exercício de sensibilidade do que elas têm a nos dizer.

Com isso, escrever com as águas é estar atento aos seus movimentos, à correnteza, ao transbordamento, às histórias que se desdobram por onde passam, é uma forma de repensar o próprio ato de escrever, um exercício de alteridade, de estar junto, afetiva e politicamente com as existências mínimas (Lapoujade, 2017). Escrever com as águas é transbordar a própria ideia de linguagem e expressão exclusivamente humana, a sua gramática racionalista e os seus instrumentos de forma (caneta, grafite, lápis, papel, máquinas de escrever), mas também é um gesto de atenção, de intimidade, de instauração de uma política radical dos sentidos àquilo que as águas têm a nos ensinar com seus movimentos, com suas intensidades, com seus fluxos de matéria. Essa Terra é povoada de muitas escritas e muitas histórias podem ser contadas, mas, como diz Tsing (2015, p. 183), “tais histórias não devem ser deixadas para os triunfalistas humanos que controlam o campo”. Nessa corrente, é uma abertura para pensar águas como escritoras alertas de mundos em ruínas.

A nossa tradição racionalista, como dito antes, nos impede de olhar, de conversar com o que não diz humano, levando, por outro lado, a uma efetiva separação do que seja o mundo natural e mundo humano ou cultural. Dizer que é possível escrever com as águas, com os rios da Amazônia, não seria só convocar uma escrita a dar a ver as águas da região, mas aprender a deslocar os pontos de vista e criar uma atenção mínima para a presença do que parece negado ou visto apenas como algo útil, instrumental.

Escrever com os rios que fazem parte cotidianamente do território amazônico é se permitir sair da condição de um mero espectador e compreender que cada rio é carregado de coisas que existem, em cada margem ou fundo do rio existe um cosmo. Assim, é possível ver que essas águas abrem em importância, em significados múltiplos, inclusive criadores. Há uma racionalidade instrumental



que cega, plastifica os sentidos e embota o pensamento, a possibilidade de compreender para além do visto, o que comporta uma certa virtualidade, o que resplandece para além do visto; parece que se pretende a cada dia a capacidade de compreender o vivente em suas múltiplas formas de existir. Sentir as vidas *outras-que-humanas*, tão significativas quanto as humanas, é se colocar na condição de convocar radicalmente uma participação, e perceber, mas perceber é efetivamente participar ou “fazer ver é ao mesmo tempo fazer existir” (Lapoujade, p. 47) o que ainda não se deu a ver ou que se viu sem ver.

Falamos de modo especial de uma instauração, pois instaurar é dar a ver, mas também possibilitar que isso que seja visto, que possa percorrer nuances, e que a variedade que existe no mundo, com suas potências e fragilidades enigmáticas, não é dada e plena em si sem que se transforme, se altere.

A Amazônia é mil cosmos que, sendo percebida entre suas diversidades, atos, pathos, faz a presença de fatos, acontecimentos, convocando expressões e entendimentos complexos. Escrever com as águas e se comunicar com os *outros-que-humanos* é se sentir convocada a povoar a terra de outros modos, a partir de uma ecologia profunda que não diz respeito apenas à fauna e à flora, mas a todos os tipos de vidas, as mínimas existências e, com tudo isso, reconduzir processos mentais, políticos, éticos, estéticos, educativos, como sugere Guattari (1990).

Citamos uma de nossas anotações em comunicação com as águas:

Durante muito tempo atravessei lugares da Amazônia, os mais diversos, trabalhando como professora, entre um barco e outro, o meu corpo sofria um estranhamento e nunca consegui dar nome para isso, quando me deslocava via algo de tempo entrelaçado com uma melancolia nos lugares desta região, tudo nestes lugares pareciam agregar uma paisagem de uma lentidão e de um certo sofrer. Levei um certo tempo para chegar em um estado que tivesse condições de perceber certas virtualidades em cada lugar que cheguei, sendo necessário ir várias e várias vezes, esses modos singulares que percorriam em cada lugar, em cada coisa, em cada objeto, nada em completo e nem científico, mas sentido, e tudo parecia fugidio, incerto, situado em certas complexidades que não podem ser ditas, narradas em um estado do que é, sempre passando por um corpo afetado pelos encontros. Depois de muito tempo, me propus a realizar pequenas viagens de barco, na condição de ir apenas, sem roteiros e intenções produtivas, objetivas, mas ir para um almoço, para encontrar amigos, para me encontrar com os lugares, sempre de um dia ou dois no máximo, indo para pequenas comunidades ribeirinhas ou lugares de pescadores, em que eu pudesse entrar em contato, sobretudo, com as águas, sem pretensão de nenhum trabalho sistemático, mas, sobretudo, desbloquear o pensamento, o corpo, as sensações e



viver e tentar conhecer o lugar onde vivo, desviar o olhar, fazer ele se localizar, encontrar uma regionalidade, conhecer o espaço cultural, por meio de si mesmo, da própria experiência, a partir dos contatos e fazer uma narrativa que não seja dada pelos outros que não vivem aqui, que não conhecem os modos de existir de quem vive o território com suas múltiplas faces. Cheguei em locais da Amazônia profunda, devo ressaltar, em lugares em que à noite, podemos nos misturar com o barulho das águas, das árvores, sentir o canto dos pássaros dentro do corpo, dormir com a “canção” dos sapos, só é possível escutar e sentir tudo isso quando o corpo entra em uma zona flexível, cambiante, quando se deixa (in)corporar por todas essas realidades que possibilitam uma existência múltipla, diferente e ampliada. Atravessei várias e várias vezes o rio, Belém - ilha do Combu, só para citar uma ilha próxima da cidade-Belém, não para ficar nos restaurantes na beira do rio que virou espaço de ambientação do capital, mas fui para conhecer casas, conversar com certos moradores, conversar com barqueiro, tive a oportunidade de acompanhar uma pesquisa de mestrado por dois anos, na época, em que a ilha não tinha energia elétrica com cabos de transmissão, apenas algumas casas com geradores, essa lembrança sempre volta, quando, hoje, vejo a ilha ser consumida e poluída pelo comércio e suas águas entram num sistema de inteira degradação. Trabalho em uma instituição que fica às margens do rio, essas águas, já poluídas, impróprias, inclusive para banho, as águas acionam diálogos, muitos diálogos. Para que tais diálogos aconteçam, é fundamental, antes de tudo, que sejam criados (Caderno de notas pessoal, 2022;2023).

As notas entre as águas que passam pela Amazônia nos arremessam ao poeta João de Jesus Paes Loureiro a partir da imagem do caboclo amazônico que entra num estado corpóreo, cuja prática é *debubuiar*. Embora a narrativa acima narre um outro estado do corpo e das sensações, é interessante notar que o poeta percebe um corpo presente nessa região a partir da imagem do *bubuiar*, que é ‘o ato de seguir boiando no rio’, ir ‘*debubuiar*’, é ser levado pela correnteza do rio” (Loureiro, 2007, p. 130), e somos levados algumas vezes [6].

O poeta nos convoca a pensar em dois corpos que se apropriam, se alteram juntos. Mas, diríamos, não só o caboclo é levado, mas se deixar flutuar, se permitir entrar em movimento, capturar os elementos das águas, junto com as águas, assim o corpo do caboclo entra no rio, o rio entra no corpo caboclo e nessa mistura passa uma outra coisa, como se entrasse em uma zona de indiscernibilidade, compondo um modo particular de alteridade, nos permitindo ser inspirados pelo inesperado, como faz Alfredo, personagem de Dalcídio Jurandir (2019), com seu caroço de Tucumã, quando se torna no inesperado desse encontro.

Nesse inesperado encontro, é possível entrar na paisagem e mesmo tornar-se quando se compreende como uma espécie de ecologia, que não diz respeito efetivamente aos elementos da



fauna e flora, mas um meio que nos possibilita sentir, encontrar modos heterogêneos, ou multiplicidades vivas e não vivas em interativas e dispersas, coexistindo com seus diferentes elementos. Nada disso pode ser entendido como algo fixo, mas que se move, se transforma, assim, como não pode ser compreendido como único, sendo diverso para aqueles que habitam e coabitam os territórios e suas desterritorializações.

Entre essas múltiplas paisagens aquáticas, há tantos modos de ser e de existir que não se pode, em muitas medidas, entrar em certos condicionamentos, que não se compreende em sua integralidade devido às várias camadas que as atravessam e tampouco se coloca e que não se deixa receber efetivamente uma forma, uma realidade, mas se prevalece em se sentir. Não é uma questão de qualificar, valorar como melhor, pior, mas é que cada paisagem ocupa um grau de singularidade, muitas delas, se postas nos mapas oficiais, nada dizem quando se passa entre elas.

Fluir

Pensar e escrever com as águas é perceber uma paisagem poética, mas não é só isso, pois não é possível deixar de olhar para essas mesmas águas sem ver o horror, a morte, a destruição em seu fundo, revelando uma paisagem de modos de consumo tóxicos, brutais, quando o rio fornece água imprópria, que não se pode beber e nem tomar banho e nem tirar o alimento, as vidas que padecem, são aquelas mais vulneráveis, podendo mostrar que o projeto civilizatório e de desenvolvimento, como dizem Krenak (2020) e Nego Bispo (2023), é de devastação, é de morte, mas não para todos, há aqueles que podem padecer e sobreviver, apenas. O Antropoceno nos parece indicar uma face de uma trama de regulação da vida intolerável.

Se o capitalismo transformou rios em mercadorias e florestas amazônicas em zonas de extermínio, escrever com as águas nos convoca a imaginar outras histórias que questionam o mito do progresso, histórias com as quais apanhamos as águas do rio a fim de dissolver as fronteiras entre humanos e *outros-que-humanos*, entregando-se aos fluxos e não aos barramentos. É preciso deixar que as águas reescrevam nosso corpo através de uma nova linguagem. O Antropoceno nos empurrou para um mundo em ruínas, e a Amazônia – com suas águas que inundam, transbordam, *debubuam* e fluem – aponta escritos de uma ecologia da atenção, em que escrever com os rios não se trata de metáfora, mas de cuidado.



Que este ensaio, então, não seja um réquiem excessivamente pessimista, mas um rio: que suas escritas, como as águas do rio Xingu, insistam em fazer passagens. Afinal, como dizem os povos das florestas: “na próxima cheia sabemos que a água retorna”. Resta saber se conseguiremos voltar com ela – não como seus donos, mas como coautores das águas e com elas remar na tentativa de inventar outras formas de vida.

Bibliografia

CHIODI, Vitor França Netto. **Fabulações miceliais: fungos, escrita e o fim do mundo**. 2024. 320 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo, 2024.

DANOWSKI, Débora; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo E. **Há Mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** – V 1. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DIAS, Susana Oliveira. Alianças Vegetais: espécies companheiras de ensino diante do Antropoceno. **Educação & Realidade**, v. 48, p. 1-27, 2023.

FAUSTO, Juliana. **A cosmopolítica dos animais**. São Paulo: n-1 edições/Hedra, 2020.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas. São Paulo, Papirus, 1990.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: UBU, 2022.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica – pesquisa, jornalismo e arte**, Campinas, v. 3, n. 5, 2016.

INGOLD, Tin. **Estar vivo. Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de cachoeira**. 8ª ed. Bragança: Parágrafo Editora, 2019.

KOPENAWA, Davi.; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Editora Companhia das Letras, 2015.



KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: Editora n-1, 2017.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Amazônia: identidade/identificações. **SOMANLU – Revista de Estudos Amazônicos**, v. 1, n. 2, p. 167-174, 2007.

PÉREZ, Glaucia. Escrita e fungos: o que pode essa relação? **Revista ClimaCom (Unicamp)**, Campinas, SP, 30 mar. 2020.

RAMALHO, Yara.; RUFINO, Samantha. Em nove comunidades Yanomami, 94% dos indígenas têm alto nível de contaminação por mercúrio. **G1 Roraima**, 4 abr. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2024/04/04/em-9-comunidades-yanomami-94percent-dos-indigenas-tem-alto-nivel-de-contaminacao-por-mercurio.ghml>. Acesso em: 9 fev. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SILVA E SILVA, Carlos Augusto. **Escrever com um mundo vivo e ferido**. 2023. 238 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Porto Velho, 2023.

TSING, Anna. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Tradução de Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha Revista de Antropologia**. v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/05/2025

[1] Professora da Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Filosofia. Email: mrdbrito@hotmail.com

[2] Professor de Ciências Físicas e Biológicas SEMED/Altamira-Pará. Email: dhemerson-santos@hotmail.com

[3] Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. carlosaugusto.s02@gmail.com

[4] O humano é considerado um agente geológico, visto que suas ações transformaram de tal modo os ecossistemas terrestres (como o clima, os ciclos biogeoquímicos, a biodiversidade e os recursos naturais), e essas alterações já podem ser observadas em registros geológicos (Costa, 2019).

[5] Como propõe Costa (2019), adotaremos o termo *outros-que-humanos*, em vez de *não-humanos*. Na visão da filósofa, a expressão "não humanos" parece estabelecer o conceito de "humano" como uma referência fixa,



concebendo os outros seres unicamente a partir desse termo, como se fossem apenas sua negação (Costa, 2019, p. 22).

[6] Loureiro diz que o caboclo amazônico faz uma: “Atitude de imobilismo, pois conformado não pode ser, tanto que há o deslocamento de um para o outro espaço. Não é apenas um deixar-se levar pela correnteza do rio porque o caboclo foi quem tomou essa decisão e pode renunciar a ela (...). Há, nesse *debubuismo*, uma integração funcional com o fluir das águas do rio, quando o caboclo faz parte do dinamismo do movimento das águas, há uma composição, uma interação por todo o corpo, convocando um modo de vida, de se fazer presença. Mas ele não está nadando ou remando ou interferindo no ritmo desse devenir. Trata-se de uma espécie de repouso no movimento. Imobilidade móvel e sem imobilismo (...)” (Loureiro, 2007, p. 130).